



Lagoa dos Tapebas, localizada próxima à BR-222, quase toda cercada, deu origem histórica a tribo

Índios esperam ter suas terras de volta

Quase dez mil pessoas estão na expectativa

Texto: OSWALD BARROSO
Fotos: MARIA ROSA

Toda a área do Rio Ceará, onde habitam, sobrevivem e trabalham os tapebas, seus descendentes e amigos, poderá vir a ser desapropriada para uso comunitário. Parece nesse sentido está sendo entregue ao Inbra, pelo procurador da Diretoria Regional desse órgão no Ceará, advogado Eusélio Oliveira.

Enquanto isso, nas 16 comunidades possivelmente beneficiadas, de oito a dez mil pessoas esperam o desfecho de uma luta que se arrasta há mais de três anos. A expectativa é grande e os tapebas já se consideram suficientemente organizados para gerir a área, no caso de um resultado favorável. Hoje, eles possuem uma Associação das Comunidades do Rio Ceará e uma Federação dos Indígenas Tapeba do Município de Caucaia, além de escola, cisternas e outras obras comunitárias.

Isto chega a ser notável, para uma tribo dispersa, formada por gente mestiça, em grande parte apartada de sua memória coletiva e que até há poucos anos envergonhava-se de ostentar o nome de tapeba, porque estes eram discriminados como gente preguiçosa, embriagada e desonesta.

Alguns tapebas assustam-se ainda e outros até desacreditam do resultado dos seus esforços. Chico Passarinho, por exemplo. Mestiço de índio com negro, neto de Perna-de-Pau — o último cacique —, aos 54 anos, ele é um dos tapebas mais respeitados. Ainda agora, como de costume, tirava um dedo de prosa na venda, quando foi abordado por um funcionário da Cerapele Ltda., fábrica instalada ali junto ao arruado onde Chico mora, às margens do Rio Ceará. O sujeito, ar de poucos amigos, perguntou, dirigindo-se a ele: "Você é que é o furuna aí das Pontes?" Chico encabulou-se, sem entender. "Já estão até dizendo que a fábrica de cera vai para o Minguaiú. Pois é, você é um homem forte".

Chico Passarinho tomou o dito pelo funcionário como uma ameaça e comentou, quando ele saiu: "Logo comigo, que sou um homem pobre e nada posso!" Temeroso, voltou rapidamente para a sua casa. Não sem propósito, pois em sua memória vivem os séculos de sofrimento de sua gente e as perseguições mais recentes, casos de prisões, notificações para comparecer à Capitania dos Portos, ameaças de homens armados a mando de donos de terras ou indústrias, como esta agora.

BEM ORGANIZADOS

A Ponte I é hoje uma espécie de capital do território tapeba. Tem esse nome por se localizar ao lado da ponte sobre o Rio Ceará, estrada Fortaleza-Caucaia. Nela moram Chico Passarinho e outros descendentes diretos do velho Perna-de-Pau. Ao todo, 72 famílias de tapebas e agregados.

No seu pequeno arruado, os tapebas construíram uma escola, construção modesta mas sólida, erguida pela fome, como eles dizem, porque muitos desmaiaram de fraqueza durante os trabalhos. Nela acontecem não só aulas, mas também as reuniões da Associação das Comunidades do Rio Ceará e da Federação dos Tapeba. Hoje, a Associação já congrega todas as comunidades de índios e brancos (mestiços, melhor dizendo) que vivem às margens do Rio Ceará, ou seja: Ponte I, Ponte II, Daniel, Pista, Vila Nova, Vila São José, Ilha, Açude, Cigano, Capoeira I, Capoeira II, Trilha, Lagoa do Tapeba, Capuã, Itambé e Barra Nova.

Por procurar refletir a composição dos arruados que congrega, a Associação tem sua diretoria composta de modo bastante original. Assim é que para os cargos de presidente, secretário e tesoureiro há sempre dois diretores, um tapeba e outro branco. Também o Conselho Fiscal, composto de 28 membros, tem obrigatoriamente metade de seus membros tapebas.

Um dos trabalhos atuais dos diretores da Associação é filiar todos os habitantes da área, sejam tapebas ou agregados. Da ficha de filiação consta o nome, local e data de nascimento, bem como o número do documento de identidade, caso a pessoa possua. "Estes dados serão muito importantes na hora de organizar e legalizar a ocupação da terra", diz Sebastião André da Conceição, o presidente branco da Associação.

Por seus estatutos, a entidade tem entre seus objetivos unir, organizar, zelar pelo crescimento físico e espiritual do povo, bem como defender seus direitos. Por isso, sua diretoria procura esclarecer seus associados no que diz respeito ao direito sobre a terra. Maria de Lourdes Matos, a exemplo de outros, quando precisou construir um novo barraco nas margens do rio, próximo à ponte, pediu autorização à José Gerardo de Arruda, proprietário da Fazenda Soledade, que se diz dono da área. Maria de Lourdes conseguiu a autorização, mas a diretoria da Associação condenou o procedimento, pois na prática reconhecia a alienação das terras dos tapebas.

PARECER DO PROCURADOR

Eusélio Oliveira por duas maneiras está ligado à questão dos tapebas. Uma, porque dirigiu um documentário em vídeo-tape sobre a memória da tribo. E outra, por ter sido, como procurador do Inbra, encarregado de elaborar parecer acerca da questão. Para tal, ele procedeu a um minucioso levantamento histórico e jurídico da área, que concluiu pela legitimidade da reivindicação dos tapebas. Em seguida aventou algumas possibilidades de solução. Resolveu pela conveniência da manutenção dos tapebas em seu território de origem, inclusive como

forma de defender a preservação do Rio Ceará, já que índios e rio convivem cordialmente e em proveito mútuo.

Como forma de solução jurídica, Eusélio defende a saída da desapropriação, já que Caucaia está entre as áreas prioritárias de aplicação da reforma agrária. Alvo da medida seria o território, em forma de triângulo, compreendido entre o Rio Ceará, o trilho da Rfisa e, tendo por vértice, a Lagoa dos Tapeba, origem histórica da tribo.

"Ipa", na língua tapuia, quer dizer lagoa. E "peba", significa rasa. "Ipapeba" é lagoa rasa. Daí talvez a origem, por corruptela da palavra tapeba, nome dado à lagoa larga, porém rasa, localizada próximo à BR-222, a cerca de 10 quilômetros de Caucaia.

Seu Cassimiro Ferreira da Silva vive hoje cego e entevado em sua choça, aos 90 anos de idade. Nasceu bem nas margens da lagoa, vizinho ao famoso Perna-de-Pau. Hoje, habita no corredor de casas de taipa, para onde expulsaram os últimos tapebas que moravam no terreno da lagoa. Um 30 famílias se amontoam numa faixa estreita de terra.

Mas já quando Cassimiro se deu por gente, a lagoa não era mais dos índios. Tinha por dono o velho Pedro Guimarães, que passou para o filho Hilário e esse para o sucessor Antonio. Atualmente, dizem que é do deputado Diógenes Nogueira. Porém, pelo menos, naquele tempo não era cercada. Cassimiro pegava peixe com a mão em suas águas e apanhava croatá e mucunã em seus brejos. Depois, com a transferência para longe da lagoa, os tempos ficaram difíceis. "Eu vivia trabalhando praqui, pracolá, quando ia comer já era meia-noite. Chegava de noite e botava o feijão no fogo. Os filhos iam dormir e eu ficava botando sentido na comida. Quando o feijão amolecia, acordava os meninos. No outro dia, eles nem se lembravam mais, porque comiam dormindo".

Cassimiro sorri quando alguém fala em eles voltarem para a lagoa. "Querida ao menos dar um mergulho, antes de morrer", diz. Já seu João Fortunato tem mais planos: plantar e pescar muito. Sua casa escapou de ser removida das margens da lagoa, porque uma das herdeiras deixou livre seu vão de terra. Tem uma possezinha, um quintal somente, onde mesmo aos 73 anos, trabalha diariamente. E como a terra é pouca, ainda faz serviço de alugado em terreno alheio e distante de sua casa.

Conta que "esses terrenos foram tomados dos tapebas antigos. O velho Pedro meteu o cacete nos tapebas e eles debandaram no meio do mundo e então o velho ficou dono dos terrenos". Daí algumas tragédias se sucederam, como a do ano atrasado, no final da seca, quando a lagoa quase secou totalmente. "O peixe apodreceu dentro porque eles não deixaram pescar. Cheirava mal a quilômetros. O urubu comia e o dono do terreno não dava a ninguém".

Como Fortunato, homem sedento em ver a terra produzir, poucos ficariam tão alegres com a volta do terreno aos habitantes originais. Diz ele: "Fico triste em ver tanta terra presa sem dar produção. Os donos não arrendam nem dão para ninguém trabalhar. Meu desejo era que a terra fosse libertada, porque a miséria do Ceará é essa: um horror de terra presa".

Quando se aproxima, o que se vê é o esforço dos tapebas em mostrarem que, em seu poder, as terras das margens do Rio Ceará estarão em boas mãos.



Tapebas e amigos reunidos na escola comunitária da Ponte I